

O Homem da Multidão

Edgar Allan Poe

Tradução: Dorothée de Bruchard

Ce grand malheur, de ne pouvoir être seul. La Bruyere

Foi muito bem dito, a respeito de um certo livro alemão, que “*er lasst sich nicht lesen*” — ele não se deixa ler. Há certos segredos que não se deixam contar. Homens morrem toda noite em suas camas, torcendo as mãos de fantasmagóricos confessores e fitando-os lamentosamente nos olhos — morrem com desespero no coração e convulsões na garganta, por causa do horror de mistérios que *não aceitam* ser revelados. Infelizmente, a consciência humana às vezes carrega tão pesado fardo de pavor que só no túmulo consegue desembaraçar-se dele. E assim a essência de todo crime permanece irrevelada.

Não faz muito tempo, pelo final de uma tarde de outono, sentei junto à ampla janela abaulada do café D..., em Londres. Eu tinha estado doente durante alguns meses, mas estava agora convalescendo e, recobrando minhas forças, me encontrava num daqueles felizes estados de espírito que são exatamente o contrário do ennui — estados de espírito de aguçadíssima apetência, quando se abre o véu que encobre a visão mental — o *aklus eh prin ephen* — e o intelecto, eletrizado, ultrapassa tanto sua condição ordinária quanto a ardente, ainda que ingênua, razão de Leibniz ultrapassa a louca e flácida retórica de Gorgias. O simples fato de respirar era um deleite; e eu extraía um prazer positivo até mesmo de muitas genuínas fontes de dor. Sentia um calmo mas inquisitivo interesse por tudo. Com um charuto na boca e um jornal nas mãos, eu tinha me divertido a maior parte da tarde, ora percorrendo anúncios, ora observando o grupo heterogêneo do salão, ora sondando a rua através dos vidros enfumaçados.

A rua em questão é uma das principais artérias da cidade, e tinha estado apinhada de gente o dia inteiro. Mas à medida que escurecia, a massa ia aumentando; e, quando os lampiões já estavam todos acesos, dois fluxos densos e contínuos de gente corriam diante da porta. Eu nunca estivera antes em situação parecida naquele momento específico da noite, e o mar tumultuoso de cabeças humanas me enchia, portanto, com uma emoção deliciosamente nova. Renunciei, afinal, a todo interesse pelas coisas de dentro do hotel e fiquei absorto na contemplação da cena lá fora.

A princípio minhas observações tomaram um rumo abstrato e generalizante. Olhava para os transeuntes em massa, e considerava-os em suas relações coletivas. Logo, no entanto, passei para os detalhes, e

examinava com minucioso interesse as inúmeras variedades de figura, vestuário, jeito, andar, rosto e expressões fisionômicas.

A grande maioria dos que passavam tinha uma atitude satisfeita e eficiente, e parecia só pensar em abrir caminho na torrente. Tinham as sobrancelhas franzidas e moviam os olhos com rapidez; quando esbarrados por outros passantes, não expressavam nenhum sinal de impaciência, apenas ajeitavam a roupa e seguiam se apressando. Outros, de uma classe também numerosa, tinham movimentos agitados, o rosto vermelho e falavam e gesticulavam sozinhos, como que se sentindo solitários exatamente por causa da densidade do agrupamento à sua volta. Quando impedidas de prosseguir, estas pessoas paravam repentinamente de murmurar, mas redobravam suas mímicas e esperavam, com um sorriso ausente e exagerado nos lábios, que passassem aqueles que os interrompiam. Se empurradas, saudavam profundamente os empurradores, e pareciam tomadas de embaraço. — Não havia nada de muito distintivo entre estas duas grandes classes além daquilo que observei. Seu vestuário pertencia àquele estilo significativamente denominado decente. Eram indiscutivelmente fidalgos, negociantes, advogados, comerciantes, agiotas — os eupátridas e o comum da sociedade — homens de lazer e homens ativamente envolvidos em seus próprios negócios — conduzindo empreendimentos por responsabilidade própria. Não estimulavam muito a minha atenção.

A casta dos funcionários saltava aos olhos; e nela identifiquei duas categorias dignas de reparo. Havia os pequenos funcionários de estabelecimentos chiques — jovens cavalheiros com casacos apertados, botas brilhantes, cabelos engomados e lábios insolentes. Não fosse uma certa distinção de porte, que pode ser chamada de *escritorismo*, na falta de palavra melhor, o comportamento destas pessoas parecia ser uma reprodução exata do que havia sido o perfeito *bon ton* uns doze ou dezoito meses antes. Usavam o refugio dos encantos da elite — e isto abrange, me parece, a melhor definição desta classe.

A categoria dos altos funcionários de firmas sérias, ou dos “senhores estáveis”, não havia como confundir. Eram reconhecíveis por seus casacos e calças em preto ou marrom, feitos para sentar confortavelmente, gravatas e coletes brancos, amplos sapatos de aparência sólida, e grossas meias ou polainas. Eram todos levemente calvos e a ponta de suas orelhas direitas tinha adquirido, pelo longo hábito de sustar uma pena, um desvio esquisito. Observei que sempre tiravam ou ajeitavam o chapéu com ambas as mãos, e usavam relógios com curtas correntes de ouro de um modelo durável e antigo. Sua afetação era a respeitabilidade — se é que possa haver tão honesta afetação.

Havia muitos indivíduos de garbosa aparência, que facilmente identifiquei como pertencendo à espécie dos batedores de carteira requintados, de que todas as grandes cidades estão infestadas. Olhava com grande curiosidade para esta fina-flor, e achava difícil imaginar como chegavam a ser confundidos com

cavalheiros pelos próprios cavalheiros. O tamanho exagerado de seus punhos de camisa e um ar de franqueza excessiva deveriam traí-los imediatamente.

Os jogadores, não poucos dos quais identifiquei, eram ainda mais facilmente reconhecíveis. Usavam todo tipo de traje, do cafetão de indumentária infame, com colete de veludo, lenço extravagante no pescoço, correntes douradas e botões filigranados, até o do clérigo cuidadosamente despojado, menos que tudo passível de suspeita. Ainda assim, todos se distinguiam por uma morenice crestada da pele, um escurecimento velado dos olhos, e pela compressão e palidez dos lábios. Havia mais dois traços, além destes, pelos quais eu sempre conseguia identificá-los: um tom de voz discreto ao conversar, e uma propensão incomum do polegar de abrir-se em ângulo reto com os outros dedos. Notei muitas vezes, em companhia destes patifes, um tipo de homens um tanto diferentes na aparência, mas ainda assim farinha do mesmo saco. Podem ser definidos como cavalheiros que vivem da sua esperteza. Parecem assaltar o público em duas frentes — a dos dândis e a dos militares. Da primeira categoria os traços principais são cabelos longos e sorrisos; da segunda, casacos alamarados e sobrancelhas franzidas.

Descendo na escala da chamada elite, encontrei temas mais sombrios e mais profundos para especulação. Vi camelôs judeus, com olhos de lince faiscando em rostos de que todas as outras feições expressavam apenas abjeta humildade; robustos mendigos profissionais fazendo cara feia para pedintes de melhor aparência, a quem somente o desespero tinha jogado na noite a pedir caridade; inválidos débeis e cadavéricos, sobre os quais a morte pusera uma mão firme, e que mancavam e titubeavam em meio à multidão, encarando a todos com um olhar suplicante, como que em busca de alguma consolação fortuita, alguma esperança perdida; garotas modestas vindo de uma lida longa e tardia para um lar infeliz, e retraindo-se mais por aflição do que indignação diante do olhar de bandidos com os quais sequer o contato direto podia ser evitado; mulheres da vida de todo tipo e toda idade — a inequívoca beldade no primor de sua feminilidade, lembrando a estátua em Luciano, com sua superfície de mármore de Paros e seu interior recheado de lixo — a nojenta e absolutamente decaída leprosa em andrajos — a bruxa enrugada, coberta de bijuterias e encoberta pela maquiagem, fazendo um derradeiro esforço de juventude — a mera criança de formas imaturas, mas já iniciada, por longa convivência, nos terríveis dengos do seu comércio, e ardendo na voraz ambição de se igualar ao nível de suas veteranas no vício; incontáveis e indescritíveis bêbados — alguns deles em farrapos e remendos, cambaleantes, desarticulados, com rostos machucados e olhos mortiços — outros com roupas intactas porém imundas, uma fanfarronice ligeiramente vacilante, lábios grossos e sensuais, caras rechonchudas e de aparência cordial — outros vestidos com tecidos que tinham sido bons um dia, e que mesmo agora estavam escrupulosamente escovados — homens que andavam com um passo mais firme e flexível do que o natural, mas cujos rostos eram assustadoramente pálidos, cujos olhos eram pavorosamente vermelhos e

desvairados, e que agarravam com dedos trêmulos, ao transitar a passos largos pela multidão, todo objeto que estivesse a seu alcance; além disto, doceiros, mensageiros, carregadores de carvão, limpadores de chaminé; tocadores de realejo, exibidores de macacos, mercadores de canções, os que vendiam com os que cantavam; artesãos maltrapilhos e trabalhadores exaustos de toda espécie, e todos cheios de uma ruidosa e desordenada animação que rangia destoante nos ouvidos e trazia aos olhos uma sensação dolorosa.

À medida que a noite avançava, avançava em mim o interesse pela cena; pois não só ia se alterando materialmente o caráter geral da multidão (suas feições mais amenas iam sumindo com a retirada gradativa da porção mais disciplinada das pessoas e as mais grosseiras surgindo em mais acentuado relevo, à medida que a hora adiantada trazia toda espécie de infâmia para fora da toca), como também os reflexos dos lampiões de gás, antes enfraquecidos em sua disputa com o dia esvanecente, tinham agora enfim alcançado a supremacia e derramavam sobre todas as coisas uma luminosidade ofuscante e cambiante. Tudo era esplêndido, ainda que negro — como o ébano a que foi comparado o estilo de Tertuliano.

Os efeitos fantásticos da luz me obrigavam a um exame individual de cada rosto; e ainda que a rapidez com que o mundo de luz borboleteava diante da janela me impedisse de lançar mais do que um olhar em cada semblante, mesmo assim parecia que, no peculiar estado de espírito em que me encontrava, eu muitas vezes conseguia ler, até neste breve intervalo de um olhar, a história de longos anos.

Com a testa na vidraça, estava deste modo ocupado em perscrutar a massa, quando de repente apareceu um rosto (o de um velho decrépito, de uns sessenta e cinco, setenta anos de idade) — um rosto que imediatamente chamou e absorveu toda a minha atenção, por causa da absoluta idiosincrasia de sua expressão. Eu nunca tinha visto nada nem de longe parecido com esta expressão. Lembro bem que a primeira coisa em que pensei, ao avistá-la, foi que Retzch, se a houvesse contemplado, a teria muitíssimo preferido às suas próprias encarnações pictóricas do demônio. Como eu tentasse, durante o breve instante de meu inusitado estudo, formar uma análise daquilo que ela me transmitia, em minha mente despontavam, confusa e paradoxalmente, as imagens de imensa capacidade mental, cautela, indigência, avareza, frieza, maldade, sede sanguinária, triunfo, alegria, terror excessivo, intenso — supremo desespero. Me senti estranhamente desperto, maravilhado, fascinado. “Que história fantástica”, pensei comigo mesmo, “não estará escrita neste peito!” Me veio então um ardente desejo de não perder o homem de vista — de saber mais sobre ele. Vestindo precipitadamente um sobretudo e apanhando meu chapéu e minha bengala, me dirigi para a rua e abri caminho pela multidão na direção que eu o vira tomar; pois ele já tinha sumido. Com alguma dificuldade finalmente o avistei, me aproximei e o segui de perto, mas cautelosamente, de modo a não chamar sua atenção.

Eu tinha agora uma boa oportunidade de examinar a sua pessoa. Era de baixa estatura, muito magro e aparentemente muito frágil. Suas roupas estavam, no geral, imundas e rasgadas; mas passando ele de vez em quando pelo brilho forte de uma lâmpada, percebi que sua roupa branca, ainda que suja, era de boa qualidade; e, se meus olhos não me enganaram, entrevi, por um rasgão do roquelaure* cuidadosamente abotoado e obviamente de segunda mão que o envolvia, um diamante e um punhal. Estas observações exaltaram minha curiosidade e resolvi seguir o desconhecido aonde quer que ele fosse.

Era agora noite escura, e uma espessa névoa úmida pairava sobre a cidade, logo desaguando numa chuva densa e pesada. Esta mudança de tempo teve um estranho efeito sobre a multidão, que se abalou toda em novo tumulto e se abrigou sob um mundo de guarda-chuvas. A ondulação, o empurra-empurra e o burburinho ficaram dez vezes maiores. De minha parte, eu não me importava muito com a chuva — o resquício de uma febre antiga em meu metabolismo dava à umidade um quê de perigosamente agradável. Atando um lenço na boca, continuei firme. Durante meia hora o velho seguiu seu caminho com dificuldade pela grande artéria, e eu ali andava bem perto dele por medo de perdê-lo de vista. Não tendo uma vez sequer se voltado e olhado para trás, ele não me notou. Em seguida tomou uma rua transversal, a qual, ainda que cheia de gente, não estava tão apinhada como a principal de que tinha saído. Ali tornou-se evidente uma mudança na sua atitude. Ele andava mais devagar e com menos determinação do que antes — mais hesitantemente. Atravessou e reatravessou a rua repetidas vezes, sem objetivo aparente; e a massa ainda era tão densa que, a cada um daqueles movimentos, eu era obrigado a segui-lo de perto. Era uma rua estreita e comprida, e ele a percorreu por quase uma hora, durante a qual o número dos transeuntes foi se reduzindo àquele comumente visto à noite na Broadway perto do parque — tão imensa é a diferença entre uma multidão londrina e a da mais populosa cidade americana. Uma segunda mudança de direção nos trouxe a uma praça esplendidamente iluminada e transbordante de vida. O antigo jeito do desconhecido reapareceu. Seu queixo caiu sobre o peito, enquanto seus olhos se moviam desvairadamente por baixo das sobrancelhas franzidas, para todo lado, para os que o cercavam. Ele apressou seu passo firme e obstinadamente. Contudo, fiquei surpreso ao perceber que, depois de ter contornado a praça, ele se virava e retornava sobre seus próprios passos. Ainda mais atônito fiquei ao vê-lo repetir a mesma caminhada várias vezes — quase me descobrindo uma vez em que deu a volta num movimento súbito.

Neste exercício ele gastou mais de uma hora, ao fim da qual éramos muito menos perturbados pelos transeuntes do que no princípio. A chuva caía com força; o ar esfriava; e as pessoas estavam voltando para casa. Com um gesto impaciente, o andarilho entrou numa rua secundária comparativamente deserta. Ao longo dela, por cerca de um quarto de milha, correu com uma presteza que eu nunca teria imaginado em alguém daquela idade, e que tive bastante dificuldade em acompanhar. Em poucos

minutos chegamos a um vasto e tumultuado bazar, com cujos locais o desconhecido parecia bem familiarizado, e onde sua atitude inicial fez-se notar novamente enquanto ele abria caminho para lá e para cá, sem objetivo, por entre o bando de compradores e vendedores.

Durante a hora e meia, ou cerca disto, que passamos neste lugar, foi preciso muito cuidado de minha parte para mantê-lo ao meu alcance sem chamar sua atenção. Por sorte, eu usava um par de galochas de borracha, e podia ir e vir em perfeito silêncio. Em momento algum ele percebeu que eu o observava. Entrava numa loja atrás da outra, não perguntava o preço de nada, não dizia uma palavra, e mirava todos os objetos com um olhar ausente e desvairado. Eu estava a estas alturas totalmente espantado com sua conduta, e decidi firmemente não me separar dele até que tivesse de alguma forma satisfeito minha curiosidade a seu respeito.

Um sonoro relógio bateu onze horas e os freqüentadores deixavam rapidamente o bazar. Um lojista, ao fechar uma persiana, esbarrou no velho, e vi um violento arrepio instantaneamente percorrer todo o seu corpo. Ele se precipitou para a rua, olhou ansiosamente ao seu redor por um momento, e saiu correndo com uma rapidez incrível por várias ruazinhas tortuosas e desertas até que alcançamos novamente a grande artéria de onde tínhamos partido — a rua do Hotel D.... Ela, no entanto, já não apresentava o mesmo aspecto. Ainda brilhava sob o gás; mas a chuva caía furiosamente, e só se avistavam poucas pessoas. O desconhecido ficou pálido. Deu alguns passos mal-humorados no que fora uma avenida populosa e então, com um profundo suspiro, tomou a direção do rio e, mergulhando em inúmeros desvios, foi parar, afinal, diante de um dos principais teatros. Este estava para fechar, e o público formigava pelas portas. Vi o velho como que sufocar enquanto se jogava em meio à multidão; mas achei que a agonia intensa de sua fisionomia tinha, de certa forma, diminuído. Sua cabeça caiu novamente sobre seu peito; ele se mostrava tal qual eu o tinha visto no princípio. Notei que ele agora se dirigia para onde se fora a maior parte do público — mas, no geral, não compreendia absolutamente a indocilidade de suas ações.

Enquanto ele avançava, as pessoas iam rareando, e seu velho mal-estar e vacilação ressurgiram. Durante algum tempo ele seguiu de perto um grupo de uns dez ou doze arruaceiros; mas deste número um por um foi sumindo, até que apenas três permaneceram juntos, numa travessa estreita e sombria, pouco freqüentada. O desconhecido deteve-se e, por um momento, pareceu perdido em reflexões; então, evidentemente perturbado, tomou rapidamente um caminho que nos trouxe ao extremo da cidade, por zonas bem diferentes daquelas que tínhamos atravessado até então. Era o mais repulsivo bairro de Londres, onde cada coisa é revestida da pior marca da mais deplorável pobreza e do crime mais desesperado. À luz de um eventual lampião viam-se casas de madeira altas, antigas, titubeantes e atacadas por cupins, em tantas e tão caprichosas direções que mal se percebia entre elas algo parecido

com uma passagem. Os paralelepípedos jaziam a esmo, arrancados de seus lugares pela grama crescendo solta. Uma imundície horrível apodrecia nas sarjetas entupidas. A atmosfera toda era repleta de desolação. No entanto, enquanto avançávamos, os ruídos da vida humana ressurgiam clara e gradualmente, e afinal avistamos grandes bandos dos maiores marginalizados de um populacho londrino, cambaleando daqui e dali. O ânimo do velho tremulou novamente, como uma lamparina prestes a expirar. Ele mais uma vez saiu andando a passos largos e elásticos. De repente, dobrou-se uma esquina, um clarão de luz nos explodiu nos olhos, e nos deparamos com um dos imensos templos suburbanos da Intemperância — um dos palácios do demônio, o Gin.

Já quase amanhecia; mas inúmeros bêbados miseráveis ainda se espremiavam dentro e fora da ostensiva entrada. Com um grito contido de alegria, o velho abriu passagem para dentro, reassumiu de imediato sua postura inicial e se pôs a circular para lá e para cá, sem desígnio aparente, em meio à massa. Ele, no entanto, não estivera há muito assim ocupado quando um movimento intenso rumo às portas indicou que o proprietário estava por cerrá-las. Foi algo ainda mais intenso que desespero que observei então na fisionomia deste ser singular que eu vinha espiando tão obstinadamente. Contudo, não hesitou em sua carreira e, com louca energia prontamente retornou sobre seus passos para o coração da imponente Londres. Correu rápida e longamente, enquanto eu o seguia com o mais desvairado espanto, decidido a não abandonar uma investigação pela qual sentia agora um interesse de todo absorvente. O sol nasceu enquanto avançávamos e, quando mais uma vez alcançamos o apinhadíssimo centro comercial da populosa cidade, a rua do Hotel D..., esta apresentava um ar de alvoroço e atividade humanas pouco menor do que o que eu tinha visto na noite anterior. E ali, por muito tempo, em meio à confusão que aumentava sem cessar, persisti em minha perseguição ao desconhecido. Mas ele, como sempre, andava para lá e para cá, e durante o dia não se afastou do turbilhão daquela rua. E, como se aproximassem as sombras da segunda noite, fui ficando mortalmente cansado e, parando bem em frente ao andarilho, o encarei resolutamente. Ele não reparou em mim, e retomou sua caminhada solene, enquanto eu, deixando de segui-lo, fiquei absorto em contemplação. “Este velho,” eu disse afinal, “é o modelo e o gênio do crime profundo. Ele se nega a ficar sozinho. *Ele é o homem da multidão*. Vai ser inútil segui-lo; pois não vou aprender mais nada, nem com ele, nem com seus atos. O pior coração do mundo é um livro mais repulsivo do que o “Hortulus Animae”[★], e talvez seja apenas uma das grandes misericórdias de Deus que “*er lasst sich nicht lesen*”.”

★ O “Hortulus Animae cum Oratiunculis Aliquibus Superadditis” de Grüninger.